

---

**A FOLIA DE SÃO TOMÉ COMO TRAÇO  
ÉTNICO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA  
NA PERSPECTIVA DAS POPULAÇÕES  
TRADICIONAIS**

**Leandro de Castro Tavares**

Mestre em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Integrante do grupo de pesquisa Estudos em História Cultural da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: [tavaresleo23@gmail.com](mailto:tavaresleo23@gmail.com)

**Oseias de Oliveira**

Professor Adjunto, Departamento de História (Irati-PR) e Programa de Pós-graduação em História, UNICENTRO-PR. E-mail: [Oseias50@yahoo.com.br](mailto:Oseias50@yahoo.com.br)

**A FOLIA DE SÃO TOMÉ COMO TRAÇO ÉTNICO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA PERSPECTIVA DAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS****THE FOLIA DE SÃO TOMÉ AS ETHNIC TRAIL OF AFRO-BRAZILIAN CULTURE IN A VIEW OF POPULATIONS CLASSIFIED AS TRADITIONALS****Leandro de Castro Tavares****Oseias de Oliveira****RESUMO**

Este artigo objetiva apresentar um debate a respeito das folias de santo, como traço étnico da cultura afro-brasileira, na perspectiva das populações classificadas como tradicionais, em Óbidos, no Estado do Pará. Também, pretende refletir a respeito das perspectivas históricas em torno do conceito de população tradicional, de folia e sua caracterização, em Óbidos e, por fim, enfatizar a diferenciação entre folias de santo e festa do santo padroeiro na comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:**

História; Práticas de tradição; Folia.

**ABSTRACT**

This article aims to present a debate about the folia de santo, as an ethnic trait of Afro-Brazilian culture from the perspective of the populations classified as traditional, in Óbidos, in the State of Pará. It also intends to reflect on the historical perspective around the concept of traditional population, folia and its characterization, in Obidos and, finally, to emphasize the differentiation between folias de santo and feast of the patron saint in the community.

**KEY WORDS:** History; Practices of tradition  
Revelry.

**INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como propósito constituir-se em uma ferramenta fundamental para uma consciência construtiva, reflexiva e progressiva, transformando-se em um exercício permanente para a sociedade. Com este pressuposto, as discussões acercam-se em torno da folia de São Tomé, em Óbidos<sup>1</sup>, como pesquisa historiográfica e cultural.

Ao analisarmos a cultura afro-brasileira devemos considerá-la como um produto e resultado, de todo um processo histórico, o qual teve como agentes seus ancestrais do outro lado do Atlântico. O Brasil afrodescendente é também agente de sua própria História e de suas práticas culturais, pois “desde a resistência à escravidão até a criação de instituições que, embora surgidas em contextos absolutamente desfavoráveis, subsistem até hoje, umas se fortalecendo cada vez mais, outras se desdobrando em novas e múltiplas facetas” (LOPES, 2008, p. 38). Nestas proposições, entendemos que em qualquer que seja o município localizado no Brasil, podem ocorrer traços de pessoas originárias do Continente Africano. Entretanto, muitas pessoas desconhecem a importância que se deve dar à cultura afro-brasileira.

Nessa concepção, e em uma visão histórica, a história de Óbidos, que se tem conhecimento atualmente, deve passar por um processo de questionamento; seus argumentos estão embasados em questionar o que se tem em mente, o que consiste, em sua maioria, por privilegiar a visão “branca” como uma cultura universal, deixando muitas vezes de contemplar as outras matrizes de conhecimento, experiências históricas e culturais, que compõem a formação do população obidense, como as matrizes africanas e indígenas.

Diante desse contexto, esse estudo baseou-se nos relatos orais, ou seja, na coleta de referências decorrentes das práticas significantes no cotidiano da população em questão. Então, de acordo com Alberti (2005, p. 30) “de modo geral, qualquer tema, desde que seja contemporâneo – isto é, desde que ainda vivam aqueles que têm algo a dizer sobre ele –, é passível de ser investigado através da história oral”. E, dentro dessa perspectiva, “podemos afirmar hoje que os relatos orais são fontes imprescindíveis para a História, assim como qualquer outra, sem grau hierárquico” (MONTYSUMA e KARPINSKI, 2010, p. 14-15).

---

<sup>1</sup> Óbidos é uma cidade histórica com 320 anos, está localizado no extremo norte do Brasil, na Região Oeste do Estado do Pará e está situada às margens esquerda do Rio Amazonas. É o local considerado mais estreito e mais profundo do Rio Amazonas. Fica a uma distância aproximada de 8,4 km abaixo da entrada do Rio Trombetas.

Desta forma, para melhor compreensão do tema pesquisado, este artigo está dividido em quatro tópicos.

O primeiro tópico faz ponderações às perspectivas históricas em torno do conceito de populações tradicionais. Em meio a esse viés, leva a considerar a História como ciência dos homens que estuda o processo histórico da humanidade, visando identificar os caminhos que levam entender a folia de santo como cultura e prática cultural dos povos tradicionais. O segundo tópico apresenta discussões sobre o que define e caracteriza o termo folia, levando em consideração às discussões a respeito do conceito de povos tradicionais.

Para melhor compreensão da prática de uma folia, o terceiro tópico vem narrar como ocorre a folia de São Tomé, bem como o surgimento de tal folia. Ainda, de modo sucinto, descreve o encontro de folias. Para descaracterizar a possível ideia de que folia de santo não se diferencia da festa de santo padroeiro de comunidade o quarto tópico demonstra, através de relatos orais resultante de entrevista temática, as práticas dos indivíduos envolvidos nas folias e festas na comunidade Arapucu<sup>2</sup>.

Assim, entende-se a folia de santo como cultura, visto que Certeau (1994, p. 142) considera que toda atividade humana pode ser cultura, mas ela não o é necessariamente ou, não é forçosamente reconhecida como tal, pois, “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais, é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”. Se Certeau (1994) afirma que toda atividade humana com significado para quem as realiza é cultura, pode-se considerar assim, a Folia de São Tomé como cultura afro-brasileira no município de Óbidos. Isso porque, de modo geral, as folias no município, além de serem praticadas há muitas décadas, possuem uma significação indelével à população que reside nas comunidades remanescentes de quilombo, onde ocorrem essas práticas. Ainda, vê-se a folia como "um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeito de circulação de dádivas, bens e serviços entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula" (BRANDÃO, 1981, p.35).

---

<sup>2</sup> Arapucu é uma comunidade remanescente de quilombo da zona rural do município de Óbidos, situada à margem do lago Arapucu que deságua no Rio Amazonas, próximo à desembocadura do Rio Trombetas, a uma distância aproximada de 17 (dezessete) quilômetros da sede do município por via terrestre e 8,5 km por via fluvial. Em seu início, na comunidade Arapucu existia uma tribo indígena que pelo conhecimento popular se chamavam Arapuanãs, nome este não confirmado a sua verdadeira origem. Sendo essa a origem da tribo, acredita-se que o nome “Arapucu” signifique em Tupi-guarani “dia comprido”. Em relação a delimitação espacial, essa comunidade foi eleita por mim para desenvolvimento de pesquisa de dissertação.

## UMA DISCUSSÃO EM TORNO DO CONCEITO DE POPULAÇÕES TRADICIONAIS

Levando em consideração a História como ciência<sup>3</sup> dos homens que estuda o processo histórico da humanidade, interessa-nos mais procurar identificar os caminhos que nos levam a determinadas concepções atuais ligadas à cultura e práticas culturais. Considerando a amplitude do tema discutido ao longo desse artigo, o objetivo não é atingir uma verdade acerca dos conceitos e muito menos acomodar ao leitor, com uma explicação reducionista de algo que é amplo e complexo.

Na esteira desse raciocínio, procuramos apresentar o entendimento de diferentes autores, inseridos no tempo e espaço em que construíram suas teorias, possibilitando uma reflexão sobre as transformações pelas quais passou e tem passado o conceito sobre cultura afro-brasileira, etnia e populações tradicionais, contudo, sem esgotar suas possibilidades de abordagem.

Nestas proposições, a discussão acerca sobre os povos tradicionais resultou numa apropriação mais política do conceito de tradicional. Além disso, uma reflexão crítica sobre o conceito e suas implicações negativas no cotidiano de muitas populações, às vezes excluídas, deu espaço a utilização do termo práticas tradicionais cotidianas. Este não tem a intenção de ser um mero substitutivo do termo povos ou populações tradicionais, mas sim, atrelado à ideia de identidade que caracteriza tal povo, resignando-se dessa forma em se ter um significado puramente social, referindo-se às práticas e às visões culturais de determinada comunidade de pessoas.

A partir do que se pode ponderar acerca de diversidade, este estudo está voltado para discussões no campo da cultura afro-brasileira: crenças, tradições e folias, como verdadeiros rituais religiosos dedicados aos seus santos protetores, em Óbidos no Estado do Pará. Dentre as folias do referido município estão: a folia de São Tomé, Santa Maria, Santa Luzia, e a de São Benedito.

---

<sup>3</sup> Essa discussão parte da conclusão e enfoque que a história é a ciência "*Ciência dos homens*", "*dos homens, no tempo*". Ver em: BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001, p. 55.

Com a intenção de contar a história a partir da perspectiva dos “vencidos<sup>4</sup>”, objetiva-se uma história que abarque diferentes visões de mundo. A partir da vertente da História Cultural o fato deixa de ser o foco e análise, considerando que o político também está em âmbito do cotidiano, atento ao questionamento sobre as transformações da sociedade, o funcionamento da família, o papel da disciplina e das mulheres, o significado dos fatos, gestos e sentimentos. A busca por novas perspectivas para a História abriu também um campo<sup>5</sup> mais amplo para a interdisciplinaridade nas ciências. O diálogo com outras áreas do conhecimento, como a antropologia, por exemplo, favoreceu a ampliação das áreas da investigação histórica. A partir dessas novas perspectivas há uma reorientação do enfoque histórico, contrapondo a linearidade, a abordagem universalizante e uma história baseada no estudo das elites.

A possibilidade de reflexão a partir dos temas construídos nesse estudo nos instiga a buscar uma história com movimento. Uma história que torna possível uma aproximação com o vivido. Pensamos que História Cultural é isso, a aproximação com o vivido. Compreender como as pessoas sentem, agem e pensam não é tarefa fácil, por essa razão a metodologia da historiografia cultural nos dá espaço para diferentes interpretações acerca dos significados da história. Da mesma maneira, trabalha com a ideia de que na história não existe uma verdade única e acabada, mas sim versões<sup>6</sup>. É nesse sentido que mais uma vez dá-se ênfase a uma história em movimento, que se renova e se transforma, assim como a sociedade em que vivemos.

Para dar início às discussões propriamente na perspectiva das folias de santo, é de grande importância que se realize uma reconstituição historiográfica e conceitual, a respeito das idealizações que estabelecem os indivíduos populações/tradicionais, como um sujeito histórico. Nesse preceito, é necessário saber o que é ser povo tradicional? Quem é a população tradicional? Onde vive e como vive?

---

<sup>4</sup> As discussões desse parágrafo estão relacionadas ao entendimento de que “a historiografia atual passou de uma perspectiva quantitativa a uma perspectiva qualitativa, da macro-história à micro-história, das análises estruturais às narrativas, da história da sociedade à história da cultura”. GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Trad. de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 154-157.

<sup>5</sup> A ideia de “campo”, “refere-se a um domínio autônomo que, em dado momento, atinge a independência em uma determinada cultura e produz suas próprias convenções culturais”. Ver em: BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*. Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 76.

<sup>6</sup> Notadamente naquelas “versões da história que o vê a partir da chave da evolução, do progresso, do desenvolvimento orgânico, do avanço da consciência ou como resultado de um projeto de existência”. Ver em: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *O objeto em fuga*. Fronteiras. Dourados, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun./2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/62/72>. Acesso em 02 de março de 2016.

Partindo dessa vertente conceitual, é importante se atentar que a palavra “tradicional” não está associada à ideia de atrasada, rústica ou arcaica, e sim a ideia de seguimento de tradição populacional, que, conseqüentemente, deve ser considerada como histórica e importante no cotidiano de cada indivíduo que sobrevive na comunidade, ou seja, as populações seguem práticas que de certa forma se tornam um símbolo de tradição. Por outro lado, Arruda define populações tradicionais como:

Aquelas que apresentam um modelo de ocupação do espaço e uso dos recursos naturais voltado principalmente para a subsistência, com fraca articulação com o mercado, baseado em uso intensivo de mão de obra familiar, tecnologias de baixo impacto derivadas de conhecimentos patrimoniais e, normalmente, de base sustentável. Estas populações - caiçaras, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas e outras variantes, (ARRUDA, 1999, p. 79-80).

Fazendo uma análise na conceituação da autora, identifica-se nesse conceito os povos tradicionais como povo preguiçoso, acomodado e sem perspectiva de influência econômica. E isso se dá muitas vezes, pelo fato de que “a opção pela palavra tradicional gera mais dificuldades ainda, dada à polissemia dessa palavra e à forte tendência de associá-la com concepções de imobilidade histórica e atraso econômico” (LITTLE, 2004, p. 283). Essa crítica se justifica pelo fato de que na comunidade Arapucu, local onde ocorre a prática da folia de São Tomé em Óbidos, no Estado do Pará, os moradores não usam os recursos naturais somente para subsistência, assim como não possuem fraca articulação com o mercado e de base no uso intenso de mão de obra familiar.

Os moradores da referida comunidade tem relações econômicas atuantes com o mercado, ao ponto de, em determinado período (de 15 em 15 dias), encaminharem parte de suas produções de farinha de mandioca para a capital do Amazonas, isso porque os mesmos têm uma forte articulação com o mercado obidense; são oportunidades que eles tiveram juntamente com os mais influentes comerciantes de Óbidos. Esse fato não quer dizer, de forma alguma, que não são consideradas populações tradicionais, muito pelo contrário, são povos tradicionais porque dão seguimento a várias práticas de tradição e por em uma área remanescente de quilombo titulada. De modo geral, as populações tradicionais:

Ocupam a região há muito tempo e não têm registro legal de propriedade privada individual da terra, definindo apenas o local de moradia como parcela individual, sendo o restante do território encarado como área de utilização comunitária, com seu uso regulamentado pelo costume e por normas compartilhadas internamente (ARRUDA, 1999, p. 80).

Dessa forma, leva-se em consideração que “o conceito de povos tradicionais contém tanto uma dimensão empírica quanto uma dimensão política, de tal modo que as duas dimensões são quase inseparáveis” (LITTLE, 2004, p. 283). A partir daí, a proposição neste estudo é assentar o conceito de povos tradicionais na perspectiva das práticas de tradição levando em consideração as folias de santo das comunidades quilombolas do município de Óbidos como práticas tradicionais. Isso porque de acordo com Little (2004) o uso do conceito de povos tradicionais procura oferecer um mecanismo analítico capaz de juntar fatores como a existência de regimes de propriedade comum, o sentido de pertencimento a um lugar, a procura de autonomia cultural e práticas adaptativas sustentáveis que os variados grupos sociais mostram na atualidade. Desse mesmo modo “o conceito de povos tradicionais procura encontrar semelhanças importantes na diversidade fundiária do país, ao mesmo tempo em que se insere no campo das lutas territoriais atuais presentes em todo Brasil” (LITTLE, 2004, p. 284).

### **DEFINIÇÕES DO TERMO FOLIA E SUA CARACTERIZAÇÃO**

Depois das discussões justapostas a respeito do conceito de povos tradicionais, faz-se relevante conceituar o termo “Folia de Santo” e tudo o que vem caracterizar uma folia em si, de acordo com as práticas culturais e conhecimento tradicional da comunidade Arapucu, e demais mocambos existentes no município de Óbidos. Ou seja, as argumentações a respeito da cultura afro-brasileira, no município de Óbidos, local pertencente à Amazônia, necessitam de discussões a partir de proposições culturais, enfatizando que:

Na Amazônia o contexto colonial facilitou a fusão de mitos e tradições europeias seculares ao universo cultural dos africanos, produzindo seres e credos híbridos. Dessa forma, a religiosidade popular que se constituiu na colônia escravista estava, desde o seu início, marcada por esse caráter colonial, e fadada ao sincretismo religioso (SOUZA, 1995, p. 85).

As folias são toadas cantadas em verso, de acordo e, a critério do Capitão Folião, o qual é acompanhado pelos auxiliares com seus respectivos instrumentos. A partir do momento que são entoadas, passam a se chamar ladainhas, ou cantos. Veja o exemplo da Ladainha de Visitação às roças ou roçados:

Entraremos em vossa roça. Com o amor que vós queria. Aqui está imagem, que está em nossa companhia. (bis)

Refrão: Os anjos lá no céu cantam louvores, cantamos na terra também. Somo filhos de Maria, glória para sempre amém. (bis)

Glorioso São Tomé, veio lhe fazer visita. Veio trazer os seus os seus milagres pra quem deles necessita. (bis)

Refrão: Os anjos lá no céu cantam louvores, cantamos na terra também. Somo filhos de Maria, glória para sempre amém. (bis)

Vamos irmãos rezar o Pai Nosso e Ave Maria. Glorioso São Tomé, encerrai vossa folia. (bis)

Refrão: Os anjos lá no céu cantam louvores, cantamos na terra também. Somo filhos de Maria, glória para sempre amém. (bis) (ARQUIVO DA FOLIA DE SÃO TOMÉ)

Foliões são os componentes que integram a Folia, e auxiliam nos cânticos e nos ritmos através dos instrumentos musicais. Mastro de Oferendas simbolizam a colheita fértil e demonstram as formas como eram trabalhados os puxiruns (mutirão), e a partilha dos alimentos entre os mordomos e comunitários. Mordomos simbolizam a irmandade, a partilha, a administração dos bens comuns a todos; e, principalmente, a dignidade de um povo simples.

Desta forma, ao se problematizar as “folias de santo” e “festas de santo”, é necessário levar em consideração as formas das práticas dos indivíduos envolvidos. Logo se percebe que este campo de investigação está repleto de diferenças, dando significação a uma extensão particular do espaço social, em que cada tradição possui regras fundamentais que caracterizam suas diferenciações.

É importante argumentar que as folias de santo, nas comunidades quilombolas do município de Óbidos, certamente, passaram por intensas modificações, pois a inserção de novos instrumentos e novas práticas fez com que algumas atividades fossem abandonadas. Como é o caso da paralisação do encontro de folias, que não ocorre mais por causa das dificuldades de locomoção, uma vez que às vésperas do dia da prática da folia, na comunidade, todos os foliões saiam em folia para as outras comunidades do município de Óbidos, para praticar em todas as casas que aceitassem as devoções, que os foliões propusessem desenvolver. Depois, de todos os trajetos, voltavam para a comunidade de origem, exatamente, no dia programado para ser desenvolvida a devoção final da folia na comunidade.

É possível afirmar que devido à discriminação e separação social entre homens livres e escravos, os negros nas comunidades quilombolas, encontraram uma ~~forma~~ forma de conservar sua milenar cultura, assim como perpetuar suas crenças, costumes e tradições por meio das Folias de Santos, as quais se tornaram importantes rituais religiosos dedicados os seus santos protetores. Entre estas folias, as que resistiram até os dias atuais, com exceção da folia de Santa Luzia, são: a Folia de São Tomé (comunidade do Arapucu), a Folia de Santa

Maria (comunidade de Nossa Senhora das Graças, Paraná de Baixo), a Folia de Santa Luzia (comunidade São José), e a Folia de São Benedito (Comunidade do Silêncio).

As Folias de Santo são compostas pelos seguintes foliões: Capitão Folião, o qual é o tocador da caixinha ou repique, é o puxador dos versos da Folia, e determina o cumprimento dos castigos do folião que comete infração, inclusive o seu próprio castigo; Mantenedora, protege a imagem do santo, observa o comportamento de cada folião para informar ao Capitão que determinara o castigo, que de acordo com a gravidade receberá o cruzamento de bandeiras ou o toque de caixa a cada sinal da cruz; Porta Bandeira Branca, também chamada de guia, é a baliza da caminhada, nenhum folião pode passar a sua frente; Porta Bandeira Vermelha indica colheita fértil, e serve como auxiliar da Bandeira Branca; Caracacha; Porta Bandeira do Santo; Banjista; Caixa Grande (Caixa de resposta/ Marcação do ritmo); Reco-Reco e demais membros que complementam os ritmos.

Para dar mais evidência de como se caracteriza a Folia de São Tomé, será feita uma descrição desta folia, logo abaixo.

### **A FOLIA DE SÃO TOMÉ**

A Folia de São Tomé teve início nas primeiras décadas do século XX, com a Família dos Gonçalves, mas respectivamente com as seguintes pessoas: a Senhora Úrsula Gonçalves, Gonçalo Gonçalves, Antônio Gonçalves, José Gonçalves, João Gonçalves, Cristóvão Gonçalves e Rosalina Gonçalves. Esta família começou a fazer uma caminhada com o Santo até o roçado de sua propriedade, porque gafanhotos, em grande quantidade, estavam atacando suas plantações, mas especificamente as folhas da maniveira<sup>7</sup>. Circulavam com o Santo porque a família tinha o conhecimento popular, e da Igreja, de que São Tomé era o Santo protetor das lavouras.

Então a Senhora Úrsula vendeu um porco, no valor de 200 mil réis; com o dinheiro arrecadado, a mesma pediu ao Senhor Lauriano, que vendia porcos na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, e tinha comprado o animal, que comprasse uma imagem de São Tomé que custou cerca de 30 mil réis.

Enquanto não chegava a imagem do referido Santo, a senhora Úrsula, também chamada de Ursulina, deslocou-se até a cidade Óbidos para tomar emprestada uma imagem de

<sup>7</sup> Nomenclatura usada por moradores das comunidades para se referenciar à mandioca.

São Tomé para que pudesse levar até seu roçado para ali ser cantada uma Ladainha oferecida ao Santo, para que o mesmo pudesse, com sua intercessão, afastar das plantações os insetos; e desse modo a colheita seria farta e mais bem aproveitada. Esse fato se deu no dia 21 de dezembro de 1947, pois nesse dia sabia-se, na época, que era o dia de São Tomé. A partir desse ano, e já com a imagem de São Tomé de sua propriedade, a família Gonçalves deu continuidade na caminhada que se sucedeu nos anos subsequentes.

Com essas pessoas, que eram foliões de São Tomé, já existia os seguintes instrumentos artesanais: a caixinha, que era tocada pelo senhor José Gonçalves, que foi o primeiro Capitão Folião da Folia de São Tomé; a caixa grande, que era tocada pelo senhor João Gonçalves; reco-recos, que eram tocados pelos senhores Antônio Gonçalves e Cristóvão Gonçalves, os quais também eram os bandeireiros do Santo. O Capitão da Bandeira Branca era o senhor Cristóvão e a senhora Rosalina Gonçalves era a porta bandeira do Santo. Eles levavam nas romarias uma bandeira menor, com o desenho do resplendor do Santo e a senhora Úrsula, que conduzia a imagem de São Tomé, era a mantenedora. Para melhor compreender e ver alguns instrumentos veja a imagem abaixo.

Imagem 01 - Momento do Canto ou Folia de Beijada ao Santo.



Fonte: Arquivo da Folia de São Tomé – 2010.

O chamado passeio do Santo acontecia sempre no período de 18 a 21 de dezembro. Com o crescimento do movimento, fez-se necessário aumentar os dias de visitação do Santo, pois, neste momento, já não era somente uma família que fazia a visita.

Depois da família dos Gonçalves, a sucessão dos festeiros passou-se para o Senhor José Freitas e a Senhora Rosalina Gonçalves. Nesse período o Capitão Folião era o Senhor Lauro Gonçalves de Freitas. Com esse casal acrescentaram-se mais instrumentos: caracaxá e violão. A caixa grande foi retirada dos instrumentos da folia em virtude de não ter uma pessoa para manuseá-la.

Todos esses instrumentos eram distribuídos para um grupo de, aproximadamente, 8 foliões, sendo 6 homens e 2 mulheres: Lauro Gonçalves de Freitas, José Freitas, Rosa Gonçalves Guimarães, Floriana Rocha, Valdomiro, Pedro Medeira, Zildo Mota e Orlando Alves. Na imagem a baixo é possível fazer uma leitura iconográfica do passeio da Folia de São Tomé.

Imagem 02 – Passeio da Folia de São Tomé.



Fonte: Arquivo da Folia de São Tomé – 2010.

No ano de 1961, o casal Antônio Pereira da Silva conhecido como (Cutia) e a Senhora Alice Silva conhecida como (Lili) passaram a ser os festeiros e ficaram no comando tanto da festa quanto da Folia. Naquele período também foi convidado, para ser o Capitão Folião, o Senhor Francisco Gomes de Sena. A festa passou a ser realizada na propriedade do casal, no local chamado de Igarapezinho, uma colônia situada cerca 5 (cinco) quilômetros da Comunidade Arapucu. O fator da distância não prejudicou o brilhantismo da festa. Era mais um motivo para as pessoas que se dispunham a ir para a festa, só voltarem no dia seguinte, assim que o sol começasse a nascer.

Nesse período em que o senhor Francisco Gomes de Sena era o Capitão Folião, sua filha, Rosa Gonçalves Guimarães, também começou a festejar São Tomé em sua propriedade, no lugar conhecido como Batata, na cabeceira do lago Caipuru, na Colônia São Tomé, no município de Oriximiná. Este fato se deu no ano de 1991, neste festejo a romaria foi conduzida pela folia do Santo da comunidade Arapucu, também foi inserido o levantamento e derrubada do Mastro de Oferendas, práticas essas que perduram até a atualidade, como mostra a imagem a seguir.

Imagem 03 – Mastro levantado, Pai João e Mãe Maria que simbolizam essa prática.



Fonte: Arquivo da Folia de São Tomé – 2010.

Sempre que acontecia uma romaria, desde os primeiros festeiros, era feita toda a parte religiosa, por primeiro, ficando, por conseguinte, a parte profana. A primeira é composta da seguinte forma: inicia-se com a Alvorada, às 4 (quatro) horas da manhã (madrugada); canto das seis horas; a visitação nas roças e nas casas; derruba do mastro de oferendas; canto das dezoito horas; agradecimento de mesa; folia de entrada de reza; ladainha; folia de agradecimento de reza e canto da folia de beijada.

A segunda parte, a profana, pode acontecer também no decorrer da parte religiosa, pois em dados momentos, alguém conta uma história, uma piada ou algo engraçado, ou ainda canta-se uma música acompanhada com os instrumentos da folia. Também acontece depois da parte religiosa, logo após o encerramento da reza.

Dado por encerrada a reza do Santo, as pessoas eram convidadas a participar de uma festa, tocada ao som de um grupo de músicos chamado de “pau e corda” ou “espanta

ção”. Compunham este grupo os seguintes instrumentos: violino, violão, pandeiro, uma pequena bateria ou ainda um instrumento de sopro (saxofone ou clarinete). Essa festa se dava na sala ou no barracão da casa do promesseiro ou festeiro. Dentro desta sala, ficavam as mulheres sentadas em bancos (assentos) de madeira, dispostos no entorno do “salão”, os homens direcionavam-se a uma das mulheres e esta que seria a escolhida a dançar uma “parte”, uma música, não podia recusar o convite, sob pena de ser retirada do “salão”.

Também, em um espaço da casa do promesseiro ficavam, sobre uma mesa, garrafas com café ou chá e ao lado vasilhas com beiju (iguaria feita da massa de mandioca) a disposição das pessoas. Assim como toda a alimentação da romaria era gratuita.

Nessa festa, em determinado momento era tocado um ritmo de música chamado de “desfiteira”. Para esta música cada um escolhia seu par. Estes deviam dançar juntos e prestar muita atenção no momento da parada da música; haja vista, cada casal que parava diante dos músicos era convidado a dizer um verso, o pedido para parar a música e dizer o verso era feito na batida das palmas das mãos. Era primeiramente colocado pelo cavalheiro ao qual deveria ser dada uma resposta imediatamente pela dama. Em muitos casos, as pessoas ficavam ressentidas com alguns versos ditos ou colocados, mas não podiam sair enquanto os músicos não parassem de tocar, então a pessoa devia usar de sua criatividade para responder o verso à altura, procurando uma forma de não sair perdendo da dança da desfiteira.

O senhor Francisco Gomes de Sena permaneceu à frente da Folia até o seu falecimento no dia 28 de Maio, do ano de 2008. Com a morte do mesmo, o comando da folia passou para o jovem Douglas Sena dos Santos, neto do senhor Francisco Gomes, permanecendo até os dias atuais.

## ENCONTRO DAS FOLIAS

As comunidades que ainda mantêm sua religiosidade popular afluída, realizam seus festejos, que, dependendo do Santo, pode durar semanas. Nesse tempo de folia, de romaria, são realizadas visitas nas casas de pessoas da própria comunidade, assim como há tempos atrás se expandia até outras comunidades. Quando acontecia o deslocamento da romaria, podia ocorrer que outro Santo também estava em visitação; quando isso ocorria, dava-se o nome de Encontro de Folias. Esse encontro, travava-se de uma disputa entre as duas

ou mais folias, disputa essa baseada na inteligência, habilidade e conhecimento do que estava acontecendo. Nessa disputa, existiam três fatores que poderiam determinar a folia vencedora.

O primeiro destinava-se ao Capitão Folião, este tinha a incumbência de escolher e entoar a folia no momento em que ocorresse o encontro, assim como usar de sua inteligência para elaborar inúmeros versos, para que a folia escolhida não parasse.

O segundo fator estava na pressão e expectativa sobre os Capitães, para ver qual deles pararia de cantar por falta de versos na folia, esta sairia perdedora e ficaria inteiramente à disposição da folia vencedora. Esta disposição dava-se da seguinte forma: a folia perdedora teria que deixar sua romaria e ingressar juntamente com o seu Santo na romaria do Santo da folia vencedora, até que o Capitão Folião da Folia vencedora os liberasse. Esta liberação poderia acontecer logo após o término da disputa.

O terceiro fator destinava-se ao Capitão da Bandeira Branca, este por sua vez teria que usar de suas habilidades, de modo a defender sua folia com sua bandeira, ajudado pelo Bandeiro da Bandeira Vermelha. Sempre direcionado pela Bandeira Branca, conduziam a disputa por Bandeiras, em sincronia perfeita, faziam uma espécie de coreografia sempre que o grupo de foliões cantava o refrão da folia que foi entoada. Por isso, tinham que estar atentos ao canto da folia e no grupo de foliões que estavam à sua frente. Neste caso, sairia vencedora a folia, cujos bandeireiros quebrassem um dos mastros das bandeiras da folia oponente. É por este motivo, que os mastros das bandeiras são feitos de madeira de lei, em virtude de sua resistência.

Nos dias atuais é muito raro acontecer um encontro de folias, haja vista, o tempo das romarias serem bastante reduzidos, as comunidades que ainda mantêm esse tipo de cultura fazem seus festejos somente na comunidade e também, porque as pessoas que compõem o grupo de foliões já não dispõem de todos os conhecimentos que antigamente existiam. Os encontros de folias que acontecem, atualmente, destinam-se somente a mostrar um pouco da religiosidade, da cultura do povo, sendo mais uma apresentação do que um encontro propriamente dito.

Após as descrições a cima, é instigante pensar em valorizar as histórias de práticas dos povos tradicionais e suas experiências, pois assim, poderá ser um fator determinante para a afirmação de uma identidade. Para tanto:

Deve-se reconhecer a diversidade cultural, relativizando o saber e a memória nacional preservada na forma de livro, na forma de obra de arte, de monumentos, de arquivo. Tudo isso é importante, mas só ganha sentido democrático quando

recriamos esse saber para um discurso, uma fala, uma ação, vinculados a um projeto educacional aberto ao enraizamento comunitário (TRINDADE, 2002, p. 21).

## FOLIAS DE SANTO E FESTA DO SANTO PADROEIRO DA COMUNIDADE

Como já foi sobreposto, portanto, a respeito das “folias de santo” e “festas de santo padroeiro”, levou-se em consideração a necessidade de analisar as formas de práticas dos indivíduos envolvidos nas folias e festas na comunidade Arapucu. Logo, percebeu-se que este campo de análise estava repleto de diferenciações, assim como de semelhanças, dando significação a uma extensão particular do espaço social, em que cada tradição possui regras fundamentais que caracterizam suas diferenciações. Para tratar desse assunto foi necessária uma entrevista com o capitão folião representante da folia de São Tomé, senhor Douglas Sena concedida no dia 19/05/2017 que será descrita a seguir.

De acordo com as informações do Senhor Douglas Sena, “a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é a Santa Padroeira da Comunidade Arapucu”. Questionado sobre quais as diferenças entre a Folia de São Tomé e Festa do Padroeiro (a) da Comunidade Arapucu, levando em consideração também a perspectiva afro-brasileira, Douglas foi enfático em dizer que “existe uma grande diferença”.

A partir da perspectiva exposta, o mesmo informou que:

A festividade da Padroeira da Comunidade acontece uma vez por ano, sempre no mês de junho, com o tempo que vai de 5 a 7 dias. Começa com o Círio Fluvial, onde os proprietários de embarcações enfeitam, colocando bandeirinhas, vários tipos de iluminação para que quando chegue à noite, no momento do Círio, se torne um momento mais bonito, colorido. Esse Círio, sai de uma outra comunidade, previamente escolhida pelo Conselho da Comunidade. A comunidade escolhida, assume todas as responsabilidades em relação ao círio: Ornamentação do Andor da Santa - Coleta de Oferendas para o Leilão do Círio - Barco que conduzirá o Andor com a Imagem da Santa - Preparação da Liturgia da Celebração do Círio. Esta celebração é realizada após a chegada do Círio. As demais noites são distribuídas com os diversos movimentos e pastorais existentes na comunidade, assim como, estende-se o convite para as comunidades vizinhas. Tudo se encerra no último dia, chamado dia da Festa. Normalmente, esse dia é exatamente no dia em que a Igreja Católica festeja a Santa - Nossa Senhora do Perpétuo Socorro - 27 de junho. No dia da Festa, também é realizadas várias programações: Alvorada com fogos - Corrida de Rabeta<sup>8</sup> - Torneio de Futebol - Leilão de Oferendas - Leilão de Vales (gado) entre outros animais, assim como a Festa Dançante (entrevista 2017).

Ao que se refere à folia Douglas Respondeu:

---

8. Rabeta é um tipo de embarcação muito utilizado na região oeste do Pará e principalmente nas comunidades ribeirinhas. Possui esse nome pelo fato de ter máquina com hélice anexada na parte de trás da embarcação ou canoa de rabeta como os moradores locais chamam.

Quanto a Folia de São Tomé - Festa de São Tomé - é realizada em dois dias. No primeiro dia, os Foliões se direcionam em caminhada para a Colônia (Sítio) da Família que está festejando (digo isso, haja vista, termos duas famílias que realizam a Festa de São Tomé - uma família porque é a tutora da imagem do Santo - a outra porque é a tutoria da Folia). Ao chegarem na Colônia, os Foliões são recebidos e em seguida canta-se a Folia de chegada. No início da noite é cantada a Ladainha. Quando chega a madrugada (04hs da madrugada) os Foliões despertam para o canto de Alvorada, que também desperta todas as pessoas que estão na residência. Durante o dia, faz-se visitas nas roças e residências para que no final da tarde, começando com a procissão, tenha então, a derrubada do mastro de Oferendas, em seguida o canto da Ladainha e a beijada do Santo. Depois de terminada a Ladainha, a família festeira, serve um jantar gratuito para todos os que estiverem presentes no local. E assim termina o movimento (entrevista 2017)

São notáveis todas as descrições assentadas pelo capitão folião Douglas Sena, partindo de uma perspectiva de participação nas festas e nas folias, tanto do pesquisador quanto do pesquisado. Mas como pesquisador e conhecedor de tais práticas é possível fazer uma discussão analítica e informativa para melhor compreensão de tais diferenças e algumas semelhanças.

Quando o capitão folião informa que Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é a Santa Padroeira da Comunidade Arapucu e menciona que existe um Conselho Comunitário, ele esqueceu-se de mencionar que esse Conselho é coordenado pela Paróquia de Sant'Ana, que representa a Igreja Católica em Óbidos, incluindo todas as comunidades. O que se o que se pretende evidenciar com este dado é que apesar da folia de São Tomé ter um santo venerado para o intermédio junto a Deus, o que vem assemelhar as duas práticas, a folia não tem ligação nenhuma com a Secretaria da Paróquia; enquanto que a festa da Santa Padroeira da Comunidade, após o período festivo, tem que repassar, por obrigatoriedade, 30% de todo o valor arrecadado, pela comunidade, à Paróquia de Óbidos, isso porque tudo é vendido na festividade. Já na folia o que prevalece é a gratuidade.

É importante também frisar que a folia praticada na comunidade Arapucu é vista como prática cultural afro-brasileira, isso porque todas as folias existentes no município surgiram em áreas remanescentes de quilombos, assim como o uso, de instrumentos de origem africana. Nesse estudo é identificada como traço étnico da cultura afro-brasileira. Levando em consideração, também, que no uso desse Santo Católico há uma relação sincrética da prática religiosa, envolvendo a cultura da região amazônica e de descendentes de africanos, pois, “na Amazônia o contexto colonial facilitou a fusão de mitos e tradições europeias seculares ao universo cultural dos africanos, produzindo seres e credos híbridos” (SOUZA, 1995, p. 85).

No seguimento às perguntas, instigou-se em saber como se dá a aceitação dos novos moradores da Comunidade, para dar continuidade nas práticas das Folias, se eles se sentem a vontade, ou tem algum tipo de vergonha ou rejeição às práticas.

Como resposta dessa pergunta o Capitão Folião disse:

Bom, aqui temos algumas dificuldades. No que se refere à aceitação, não temos problemas nenhum na continuidade da Folia. Ao contrário, recebemos bastante incentivo para que não deixemos acabar. As pessoas consideram a Folia como o principal ícone da cultura da comunidade e isso nos deixa bastante satisfeito. Em relação a sentirem à vontade ou ter algum tipo de vergonha, aí temos que cuidar um pouco mais. Digo isso porque atualmente temos um número bem expressivo de jovens e adolescentes que estão nos acompanhando e alguns comentários externos de pessoas que não têm qualquer conhecimento da importância de continuidade e renovação, acabam até por vezes fazer bullying<sup>9</sup> com os participantes da Folia. Porém, isso não nos preocupa tanto porque temos segurança no que fazemos e trabalhamos para que cada um saiba da importância que tem a sua participação na folia. É bem verdade que nem todos os que são mais jovens querem se dispor a aprender a tocar algum dos instrumentos ou a aprender os cantos da Folia. Porém, a quantidade de pessoas que participam e acompanham a romaria é sempre muito satisfatório. Isso nos anima nos dá força. Aos que demonstram a vontade de participar diretamente do grupo de foliões, favorecemos para que participe, assim, podemos ter garantias futuras (entrevista 2017).

Para finalizar o diálogo com o capitão folião, o questionamento partiu de uma expressão das primeiras respostas sobre a Folia de São Tomé, quando o mesmo deu apontou que: “no primeiro dia, os Foliões se direcionam em caminhada para a Colônia (Sítio) da Família que está festejando (digo isso, haja vista, termos duas famílias que realizam a Festa de São Tomé - uma família porque é a tutora da imagem do Santo - a outra porque é a tutoria da Folia)”.

Para explicar essa dualidade simbólica de posse da “folia” e do “Santo”, o capitão folião Douglas Sena elenca:

Para explicar o porquê de duas festas de São Tomé. A imagem do Santo foi adquirida por volta de 1947 para que assim fosse rezada a primeira Ladainha, fato que aconteceu no dia 21 de dezembro do mesmo ano. Com o passar dos anos e a troca de promesseiros que realizavam a festa, a imagem do Santo foi sendo transferida para as famílias que passaram a promover a festa. Normalmente, quem detinha a posse da imagem, não dispunha de todos os conhecimentos a cerca dos cantos das folias e muito menos de entoar a ladainha. Dado a isso, o promesseiro chamava quem sabia fazer todo o ritual da reza, que num primeiro momento era somente a reza da Ladainha, depois foram aumentando os dias de festas assim com o número de instrumentos e pessoas. Atualmente, tudo se utiliza no período da Festa, tanto a reza, quanto aos tambores, e as pessoas caracterizadas que simbolizam os

<sup>9</sup> A palavra Bullying que o entrevistado se referiu está no sentido de certo tipo de pré-conceito que os mais jovens sofrem. Isso por estarem vivendo um período histórico Contemporâneo tecnologicamente avançado que os que criticam têm conhecimento, porém, o mais simples não conhecem que é a importância da preservação da prática da folia em sua comunidade.

negros - a essas pessoas chamamos de Pai João e Mãe Maria que vêm acompanhados de seus filhos e que conduzem a dança do "aiué"<sup>10</sup>. Nesta dança, o Capitão Folião, entoia o canto que é bastante animado e o Pai João e Mãe Maria convidam as pessoas para também dançarem ao redor do mastro de oferendas. Diante disso, e com os conhecimentos sendo aprendidos de geração e geração, assim como o compromisso de festejar o Santo, a posse da imagem está sob a tutela da Família Viana, mas diretamente com o senhor Etevaldo (filho da Alice "Lili") que mantém ao seu desejo e a pedido de sua mãe a continuação da Folia. Desta feita, a tutela da Folia também deve o mesmo roteiro de passar sempre a responsabilidade para a pessoa que detinha mais conhecimentos sobre toque de toadas, cantos, ladainha, ou seja, a pessoa que tem entre todos os Foliões, mais conhecimentos de todo o roteiro da romaria - a este dá-se o título de Capitão Folião. É então, que nos dias atuais, a Folia está sob a tutela da Família Sena, e tem como Capitão Folião, Douglas Sena dos Santos (entrevista 2017).

É importante atentar para o entendimento de que a folia de São Tomé não está associada à ideia de um simples acontecimento festivo, e sim à ideia de seguimento de prática tradicional afrodescendente que, conseqüentemente, deve ser considerada como histórica. É relevante enfatizar que estas práticas tem sido desenvolvidas há muito tempo e repassadas de geração para geração, pelas famílias de cada indivíduo que habita na comunidade, ou seja, as populações seguem com práticas de tradicionalidades que de certa forma se tornam um símbolo de tradição.

Evidentemente, a finalidade deste artigo, de maneira ampla, é contribuir para o alargamento da compreensão sobre o significado da importância dos estudos e pesquisas da cultura afro-brasileira na Amazônia, de forma social e cultural, contribuindo assim, para a expansão de pesquisas científicas em tal região, visto que:

A Amazônia apresenta como uma de suas características fundamentais a heterogeneidade, que se expressa de forma bastante significativa, no cotidiano da vida, do trabalho e das relações sociais, culturais e educacionais dos sujeitos que nela habitam, heterogeneidade essa, que deve ser valorizada e incorporada nos processos e espaços de elaboração e implementação de políticas e propostas educativas e curriculares para a região (HAGE, 2005, p. 61).

A partir do que expressa o autor, corrobora-se que o contexto cultural e de identidade de práticas culturais, vivenciado e experienciado nos ambientes das comunidades quilombolas situados no Baixo Amazonas, especificamente em Óbidos. De certa forma, corresponde a um processo que seja significativo para a vida dos moradores. Via de regra, a realidade cultural local, se não ignorada na construção de identidade, é parcialmente contextualizada e valorizada pela população, do município de Óbidos, dita "branca".

<sup>10</sup> **AIUÊ** - Do quimbundo "Ai! Au! Ai de mim!". É interjeição de admiração ou surpresa, exprimindo alegria, gracejo, espanto ou satisfação. Na comunidade Arapucu a palavra está referenciando festa em quimbundo por se tratar de uma dança. De origem africana por pertencer a um verbete do português angolano.

Entendendo cultura como lugar de construção de sentidos, neste estudo, o lugar se relaciona ao pensamento de Certeau, como um espaço praticado, visto que, especifica-se e entende “espaço pelas ações de sujeitos históricos, em que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história” (CERTEAU, 1998, p. 2003). Seguindo essa linha de pensamento, o lugar é aqui descrito como espaço de práticas históricas, ou seja, o lugar está conceituado como invenções humanas, por possuir historicidade como objeto em permanente construção. Desse mesmo modo, diz-se então que a comunidade Arapucu e as demais comunidades quilombolas de Óbidos são espaços produzidos pela prática do lugar constituído por diferentes indivíduos que compõem as folias de santo.

Ainda nessa concepção teórica, de cultura como lugar de construção de sentidos, é relevante fazer uma relação desse conceito ao que Bourdieu (1989) fez ao conceito de região. Ou seja, nas comunidades quilombolas sempre há relações de poder<sup>11</sup>, e essas relações de poder não se estabelecem, nos moradores, apenas a partir do plano econômico, ou de algum plano específico. Essas relações podem vir a ser uma construção simbólica, caracterizando assim o poder simbólico; que é toda aquela concepção, aquele aparato ético, moral, social de postura e de comportamento que a classe dominante constrói para subordinar as outras classes e se manter no poder. Bourdieu (1989) leva à entender que essas relações de poder construídas a partir dessas simbologias, dão-se por meio da linguagem e que essa linguagem é vai reforçar e viabilizar os elementos de controle impostos pela classe dominante. E quando o referido autor fala em linguagem, não é a linguagem puramente oralizada, verbalizada, mas é todo e qualquer tipo de manifestação de comportamento estabelecido pela classe dominante. Assim, deve-se entender a linguagem também dentro das perspectivas social, econômica e histórica principalmente.

Pode-se conceber lugar também como uma construção social e se é uma construção social, logo, entende-se que nada do que vai acontecer para criar a identidade desse lugar, do espaço onde ela está inserida e como ela se comporta e se organiza, não está dentro de uma neutralidade e sim de uma concepção ideológica de poder. Seguindo essa perspectiva, diz-se que a classificação de cultura como lugar de construção de sentidos vai resultar de uma decisão puramente científica, compreendida como algo objetivo dentro das concepções ideológicas de poder. E a partir dessa compreensão é que se pondera quais são os

<sup>11</sup> Essas análises partiram de: BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, p. 107-132.

limites e sentidos existentes na prática das folias de Santo, como identidade da cultura afro-brasileira nas comunidades quilombolas, reforçando também, toda a configuração social praticada dentro de tais comunidades.

Partindo desse preceito, considera-se o que a cultura afro-brasileira em Óbidos, como invenção humanas, pois “as regiões são invenções humanas visando ordenar seja a natureza, quando veem e definem regiões naturais” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 62). Dessa forma, “incorporação sob forma de categorias mentais das classificações da própria organização social”, e de outro, “como matrizes que constituem o próprio mundo social, na medida em que comandam atos e definem identidades” (CHARTIER, 2002, p.72).

Com isso, contribui-se aqui na ampliação do debate a respeito do significado das folias de santo, enquanto uma prática coletiva e social e, assim, situa à cultura afro-brasileira de Óbidos, como um conhecimento fomentador de cidadanias. Ou seja, alegando o entendimento da importância das folias de santo como práticas culturais afro-brasileiras, em Óbidos, no estado do Pará, referindo-se assim às folias de São Tomé, Santa Maria, Santa Luzia, e a de São Benedito. No que respeita ao campo acadêmico/científico, a relevância se comporta na construção de um conhecimento sobre significado das folias como sincretismo religioso resultante da “africanidade brasileira” (LOPES, 2008, p. 49).

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Mesmo que as folias de santo no município de Óbidos tenham expressões favoráveis em números e apesar de muitas pessoas nas comunidades em geral não souberem da importância destas folias, ainda, existe um fenômeno preocupante que remete a pensar na continuidade das práticas das folias futuramente. Seja pelas sequelas que diretamente infligem aos atores partícipes e testemunhas ou pelo que contribui para rupturas com a ideia da folia como prática cultural, de preservação de uma cultura que pode ser considerada como Patrimônio Cultural Imaterial<sup>12</sup> se levar em consideração por ser práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas.

---

<sup>12</sup> Se levarmos em consideração o que o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), baseado em diretrizes da UNESCO (Organização das Nações Unidas), que define o Patrimônio Cultural Imaterial como as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

A partir das discussões desse estudo, observou-se que a prática das folias no ambiente comunitário vem apresentando consequentes mudanças tanto na cultura afro-brasileira, como no olhar a partir do qual o tema é abordado, ou seja, traço étnico. De análises em que a ênfase recai sobre as folias de santo como traço étnico da cultura afro-brasileira em uma visão de populações classificadas como tradicionais.

Deve-se, enfim, assumir nas comunidades remanescente de quilombo a importância da construção de conhecimento acerca das folias de santo como uma cultura social de práticas tradicionais. A cultura social, nesse caso, pressupõe o combate às críticas jovens que estão envolvidos nas folias e a falta de entendimento das folias como precursora de cultura local.

Considerando também que é urgente e necessário o resgate de folia e das práticas que já estão sendo apresentadas somente por questão de lembranças que é o caso do encontro das folias, como foi descrito em um tópico desse artigo, deve-se entender então que o incentivo deve ser sempre renovado.

Também é urgente despertar nas novas gerações daquela comunidade (Arapucu) o interesse em manter sua cultura sempre viva, de modo a ser dada continuidade para que mais pessoas aprendam e repassem os conhecimentos seculares de um povo que se baseia na devoção aos Santos, e os têm como mediadores para que sejam alcançadas graças, também chamadas de milagres que a eles são feitas.

A partir dos contextos epistemológicos supracitados, é possível entender a grande participação do negro africano na questão étnica de Óbidos, pois os mesmos, assim como os índios, os europeus e outros possuem participação etnicamente direta nessa vasta miscigenação existente no Brasil que possui a maior quantidade de afrodescendente fora do continente africano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **O objeto em fuga**. Fronteiras. Dourados, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun./2008. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/62/72>. Acesso em 02 de março de 2016.

ARRUDA, Rinaldo. **“Populações Tradicionais” e a Proteção dos Recursos Naturais em Unidades de Conservação**. In: Conferências e Palestras, vol. 1, Primeiro Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, Curitiba, 1999.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BRANDÃO, Carlos R. Brandão. **Sacerdotes da viola**: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: as artes de fazer**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Trad. de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HAGE, Mufarrej Salomã. Educação na Amazônia: identificando singularidades e suas implicações para a construção de propostas e políticas educativas e curriculares. In.: HAGE, Mufarrej Salomão (Org). **Educação do Campo na Amazônia**: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará. 1º edição. Belém (PA): Gráfica e Editora Gtemberg Ltd, 2005.

LITTLE, Paul Elliott. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia, UnB, 2004.

LOPES, Nei. **História e cultura africana e afro-brasileira**. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire; KARPINSKI, Cezar. **Memória e história oral**. Indaial: Grupo Uniasselvi, 2010.

TRINDADE, Azoilda L. da; SANTOS, Rafael dos. **Multiculturalismo mil e uma faces da escola**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\*\*\*

Artigo recebido em março de 2018. Aprovado em dezembro de 2018.